

EUNICE MUÑOZ

Entrevistada por Maria Augusta Silva

OUTUBRO 1991

(Entrevista realizada na ocasião da homenagem no Museu do Teatro pelos 50 anos de carreira da atriz)

Quem é esta mulher esguia, de olhar amendoado e cavado na memória de tudo? Uma atriz de mérito inquestionável. Uma vida cheia. As pancadas de Molière a trazerem-na, sempre, de volta ao público. Uma atriz com a dimensão da *Mãe Coragem* de Brecht. Eunice Muñoz, um talento que deixou o seu timbre, também no cinema, em filmes inesquecíveis como *A Morgadinha dos Canaviais*, contracenando com Tomás de Macedo, ou em *Tempos Difíceis*. Uma voz que declama a vida com todos os sentidos. Uma sensibilidade tão capaz de saber ouvir poemas de vento e maresia como de admirar um bom desafio de futebol.

Vai conversando mansamente, sem rebuscar palavras. Entrega-lhes tão-somente os sentidos para expressar o que pensa de forma aberta, respirada. É assim Eunice Muñoz, uma grande senhora do teatro português. O palco conhece-lhe o talento e a determinação. Sente-lhe os passos, a voz de terra e mar, de tempestades e bonanças; os gestos dramatizados – ora vigorosos ora capazes de se deixarem fragilizar até às lágrimas –, o corpo dado à arte de interpretar, essa arte de contar a vida através da própria vida.

Eunice sorri. Baloíça o olhar amendoado. A velhice não a aflige. A falta de saúde, sim: «Envelhecer é fatal», diz-me. E di-lo sem amargar o rosto. Sem contorcer as mãos. Sem estrangular a serenidade. Di-lo harmoniosamente, conjugando o verbo viver no passado, presente e futuro. Conjugando-o, sobretudo, num tempo sem limites, onde cabem as flexões do sonho; onde se aconchegam as lembranças indeclináveis do amor; onde se fortalecem a amizade e a ternura; onde se projeta a autoestima, «porque é fundamental gostar de nós para sabermos gostar dos outros». Quem é Eunice Muñoz? Será Joana d'Arc? Sarah Bernhardt? A Zerlina, de Hermann Broch, Leonor Telles, Bernarda Alba? A Mãe Coragem, de Brecht? Quem é esta mulher esguia, de olhos cavados na memória de tudo, ombros desprendidos da futilidade, no Alentejo nascida (Amareleja, a 30 de Julho de 1928), filha e neta de atores?

As vezes que virou costas ao teatro fê-lo para marcar posição sobre alguma coisa de que frontalmente discordava. Emotiva mas autêntica (por vezes, de feitio difícil – confessa), Eunice não gosta de coagular ideias. Alimenta-se da espantosa capacidade de se apaixonar.

Eunice Muñoz é, afinal, essa paixão, «que tanto pode ser por uma pessoa como pelo Sol, pelo dia, por uma árvore, uma criança, pelo céu...». É a mulher que se virou para a família, descobrindo nela razão e encanto.

Significará uma fuga estratégica à mulher apaixonada que ela é?

«Não. O amor não se esgota no casamento», comenta.

Depois da ligação de Eunice ao poeta António Barahona, parece ter havido, porém, uma necessidade enorme de interromper o ciclo da paixão. Como poderá compreender-se esse *isolamento*?

«É verdade que António Barahona foi das maiores paixões da minha vida, nunca o neguei. Mas as coisas vivem-se num tempo. Hoje, temos uma relação fraterna. E o amor não acabou aí. Mas houve fatores da minha vida que fizeram com que esse sentimento ficasse guardado num cofre muito bonito».

Eunice continua, no entanto, a considerar a vida algo de extraordinariamente belo, superior a qualquer ficção. Como preenche a alma fora do palco?

«Sou muito mãe, muito avó, aprendi a estar mais próxima da família e dos amigos.»

O diálogo com os filhos e netos terá logrado sempre o entendimento?

«Nunca tive problemas de maior. Cada indivíduo tem a sua personalidade, naturalmente. Mas julgo que respeitando-se a individualidade consegue-se o equilíbrio da relação. Pode ser mais fácil com esta ou aquela pessoa, neste caso, com um ou outro filho, com um ou outro neto, todavia o amor encarrega-se de harmonizar tudo se houver o princípio da transparência de atitudes.»

A neta mais nova de Eunice desafia a avó para brincar. Eunice improvisa «umas palhaçadas». E dobra-se o riso de ambas. Até a gata – a *Nho-nhi* – ronrona, feliz.

Uma outra faceta de Eunice prende-se com a lida da casa. É vê-la, com alegria, cozinhar, arrumar roupas, aspirar, lavar loiça. «Adoro sentir a água nas mãos. Não me custa nada passar o dia a lavar

coisas.» Tal como gosta de preparar uns «petiscos». Aprendeu com árabes a fazer pratos de caril. A humildade de Eunice não a deixa gabá-los. Mas sabe-se que são de comer e chorar por mais.

Tantas dúvidas...

Eunice, rosto lavado («só recorro à maquilhagem quando tem mesmo de ser»), subiu os degraus pela competência. A seu lado teve vultos como Alves da Cunha, Amélia Rey-Colaço, Tomás de Macedo, Álvaro Benamor, Estêvão Amarante. A seu lado têm estado figuras como Jacinto Ramos, Ruy de Carvalho, José de Castro, Alberto Vilar, João Perry, Raul Solnado. Fala de lendas imortais: Palmira Bastos, Lucinda Simões. Fala de contemporâneos e de muitos jovens.

O público, esse, premeia com palmas a força interpretativa de Eunice. Reclama a sua presença. Às vezes (muitas vezes), chegam flores. Eunice gosta delas. De rosas em particular. Têm espinhos... «Pois têm, mas cheiram bem.»

Ficar contemplativa, sem pressas a olhar a vastidão dos campos é um dos muitos prazeres que Eunice sente. Outro, é a música. Clássica, de preferência.

E da música portuguesa, que nos diz?

«Está a andar bem. Há gente muito talentosa. Grandes compositores e intérpretes, maltratados, por vezes, lamentavelmente.»

Quanto a leituras, «arranja-se sempre tempinho para um livro; é tão necessário ler como respirar». Prediletos? «Tantos, tantos! Agora, ando a ler *O Que É a Eternidade*, de Marguerite Yourcenar.» Para Yourcenar, esse outro «monstro sagrado», a eternidade talvez pudesse traduzir-se pelos «labirintos do mundo» que percorria como ninguém para sorver a aventura humana.

E para Eunice, que é a eternidade?

«Não sei. Vivo cheia de dúvidas. Dou por mim a perguntar-me: sofre-se tanto, há tantos males por esse mundo fora, será que passamos tudo o que passamos para que a vida seja só isto? Parece-me que não. Seria cruel de mais...»

Entre tantas dúvidas, Eunice chama por Deus?

«Sou crente. Tenho uma alma religiosa, chamo por Ele.»

Medo da morte?

«Não me agrada pensar nela. Gosto tanto de viver!»

Medo da escuridão?

«Não suporto a escuridão. Mesmo para dormir, tenho uma luz de vigilância. Gosto da claridade.»

E o que mais admira Eunice nas pessoas?

«Exatamente isso, a transparência. Não me entendo com gente rebuscada, torcida.»

Acreditará esta «mulher-mãe-coragem» que o Homem se esforça por um mundo melhor?

«Quero acreditar que sim. Será que os homens não trazem dentro de si o gene da paz? Os comportamentos são paradoxais, eu sei, mas que espécie de incógnita é o Homem? Tenho esperança de que os caminhos da paz se cruzem nesta viragem de século.»

Caminho para Meca

Romântica e pragmática. Eis o tato de uma mulher inteligente. Está à beira da reforma. E como? Nunca mais o palco? Nunca mais as palmas? Nunca mais a cena?

«Não quer dizer que pare definitivamente ou sequer tenha uma independência absoluta. Não será um adeus sem um ou outro reencontro».

Será, porventura, um adeus para Eunice voltar sempre que possível, com a qualidade que exige a si mesma, gerindo, então, como melhor

lhe aprouver, as suas energias e disponibilidade psicológica. Ao fim de 50 anos de carreira, Eunice tem o direito de escolher o momento, de fazer as marcações dos seus minutos, de ser ela a controlar os ponteiros do relógio. Empenha-se, entretanto, num grande projeto teatral – *O Caminho para Meca*, peça dirigida por João Lourenço, no Teatro Nacional D. Maria II. Em palco, três atores: Eunice Muñoz, Irene Cruz e Ruy de Carvalho.

Até aqui, foi todo um longo percurso. Eunice estreou-se aos 13 anos, em *Vendaval*, de Virgínia Vitorino. Correram-se as cortinas do D. Maria II e, entre figuras de cartaz, firmava-se o nome da que viria a ser uma das maiores intérpretes portuguesas. De Samuel Beckett a Lorca, de Garrett a Camilo, de Júlio Dantas a Richard Nash, de Luís Francisco Rebelo a Lillian Hellman, de Tennessee Williams a Jean Anouilh, de Genet a Shakespeare, de Pirandello a Richard Nash, de Arrabal a Kilty, a Sttau Monteiro ou a Bernardo Santareno, de José Régio a Romeu Correia, das personagens de Cocteau às de Botho Strauss, a todos os trabalhos correspondeu a «garra» de Eunice, a sua maneira de encher o espaço cénico, amarrando as plateias a um magnetismo fantástico, sideral.

Estreias inolvidáveis

Atriz residente do Teatro Nacional D. Maria II, Eunice veste atualmente a pele de Estêvão Amarante num dos mais belos quadros de *Passa Por Mim no Rossio*, que Filipe La Feria continua a ver distinguida com lotações esgotadas. Dos 14 aos 17 anos frequentou o Conservatório. Por salas como as do Variedades, Avenida e Apollo ficaram registados êxitos sucessivos de um nome que conquistaria, também, lugar ímpar no teatro radiofónico, deixando igualmente o seu timbre em programas televisivos e no cinema (recordam-se, por exemplo, de *Tempos Difíceis*, de João Botelho?). Ao “falecido” Teatro

Avenida, Eunice refere-se-lhe como o teatro das «estreias inolvidáveis». Tem um cantinho especial no seu coração. Ali retomou a cena em 1955 (após alguns anos de distanciamento), levando consigo a Joana d'Arc de Jean Anouilh; uma representação que a consagrou a melhor atriz da sua geração.

Um ano após o seu nascimento para o grande público, na peça *Vendaval*, Eunice desempenhou o papel principal de uma opereta, integrada numa companhia de Estêvão Amarante. Recorda empresários, encenadores e atores: «Amélia Rey-Colaço foi a minha mestra. Teve um papel preponderante no nosso teatro. Revelou muita gente, ajudava os novos que tinham vontade e qualidades.»

Fala, ainda, de João Pinto de Campos, de Ribeirinho, Carlos Avilez, Vasco Morgado: «Quem nos dera ter muitos empresários como o Vasco!»

Mas acusavam-no de fazer do teatro um mero negócio...

«Acho insensato que se pense assim. Vasco Morgado era dinâmico e pensava, também, na forma de, culturalmente, estimular as pessoas, de as fazer despertar para o valor dos nossos artistas e dos nossos dramaturgos. O teatro não pode dirigir-se só a grupos de maior intelectualidade. Tem de ser acessível a toda a gente.»

O mar assusta-a

Eunice Muñoz, habituada a galardões e honrarias (sem que nada lhe altere a simplicidade), vai ter, de novo, o testemunho de um apreço coletivo. A memória está-lhe habitada por 50 anos intensos, de instantes bons e de outros que não o teriam sido. À sua trajetória de ideais e vida tem imprimido o rumo de planície. De liberdade. Recorda a casa alentejana de Amareleja, onde nasceu:

«Há muito tempo que lá não vou, mas lembro-me do poço junto do qual brincava com o meu irmão. Tive sempre uma grande atração pela água, e, no entanto... o mar assusta-me.»

Porquê? Somos navegadores de tantos mares...

«Pois, mas eu ia morrendo afogada no Guincho! Fiquei enrolada numa onda. Salvou-me a Divina Providência.»

Aqui temos Eunice em retrato de corpo inteiro. Uma Eunice que sempre ouviu falar de crise no teatro. «Quando me estreei, aos 13 anos, já se discutia *a crise*: em todas as épocas há fatores de instabilidade e logo surgem outros a concorrer para o seu alívio. Tenho esperança (é qualquer coisa pressentida) de que não tarda que o público sinta necessidade de voltar aos espetáculos ao vivo. A era do vídeo é uma moda que tende para a rotina. É inevitável. Então, as pessoas voltarão a precisar de ver os seus artistas mais de perto, conviver com eles, aplaudi-los ou criticá-los, olhos nos olhos, que é a melhor forma de nos sentirmos.»

Eunice, uma sensibilidade tão capaz de saber ouvir poemas de vento e maresia como de admirar um bom desafio de futebol; tão capaz de tornar grave a sua voz como de a fazer murmúrio e prece. Eunice Muñoz. Filha e neta de atores. Meio século de teatro. Meio século de arte. Meio século a viver igual a si mesma. Apaixonada.

© MARIA AUGUSTA SILVA